

ALGUMAS TÁTICAS PARA A ESTRATÉGIA DO FILOSOFAR NO ENSINO MÉDIO

Helder Félix Pereira de Souza¹
Valquíria Vasconcelos da Piedade²

RESUMO

O presente artigo parte da premissa de que a filosofia no ensino médio é possível a partir da atividade do filosofar. Tal pressuposto remete ao pensamento kantiano e remonta à prática filosófica socrática de que não é possível ensinar o pensamento filosófico, mas o filosofar. Através das observações das aulas de filosofia no Colégio de Aplicação da UFSC e do exercício docente realizado na disciplina de Estágio I, afirma-se que é possível a filosofia no ensino médio na medida em que a entendemos em seu caráter elementar: a atividade de filosofar. E para que esta atividade possa abrir-se ao acontecimento em sala de aula é importante assumi-la como uma estratégia de ensino filosófico no intuito de realizar seu objetivo principal: manter ativo o filosofar. Para isso, algumas táticas são descritas neste ensaio e que podem auxiliar o professor na difícil tarefa e arte de ensinar.

Palavras-chave: Ensino médio. Filosofar. Estratégia. Táticas.

ABSTRACT

This article starts from the premise which philosophy in high school is possible from the activity of philosophizing. This presupposition refers to the Kantian thought and dates back to the Socratic philosophical practice that is not possible to teach philosophical thought, but philosophizing. Through the observations of philosophy classes at the College Application of UFSC and teaching exercise performed in the discipline of Stage I, it is argued that is possible to philosophy in high school in so far as we understand it in your basic character: the activity of philosophizing. For this activity open up for the happening in the classroom is important assume it as a strategy of philosophical education in order to realize your principal objective: keep active the philosophizing. For this, some tactics are described in this article and that may help the teacher in the difficult task and art of teaching.

Keywords: Middle School. Philosophize. Strategy. Tactics.

1 INTRODUÇÃO

Em poucas palavras, ele não deve aprender pensamentos, mas aprender a pensar; não se deve levá-lo, mas guiá-lo, se se pretende que no futuro ele seja capaz de caminhar por si mesmo. É uma maneira de ensinar deste tipo que exige a natureza peculiar da Filosofia [*Weltweisheit*]. Dado, porém, que esta é propriamente uma ocupação apenas para a idade adulta, não é de admirar que surjam

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Direito pela UFSC e Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduando em Filosofia pela UFSC. helderfps@hotmail.com

² Mestre em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC. Especialista em Artes pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Graduada em Artes Cênicas pela UFSC.

dificuldades quando se quer adaptá-la às capacidades não exercitadas da juventude. O adolescente que saiu da instrução escolar estava habituado a aprender. Agora, ele pensa que vai aprender Filosofia, o que é, porém, impossível, porque agora ele tem de aprender a filosofar. (KANT, Informação acerca da orientação dos seus cursos no semestre de inverno de 1765-1766).

Na primeira parte deste ensaio destaca-se a afirmação kantiana de que não se aprende a filosofia, mas aprende-se a filosofar, presente na *Crítica da Razão Pura* (2001) e em outros escritos. Tal passagem é muito conhecida e muito citada em meio acadêmico quando se discorre sobre o ensino da filosofia e aqui essa ideia é interpretada como uma retomada dos primórdios da filosofia socrática, cujo diálogo é essencial para o filosofar e uma porta de entrada da filosofia no ensino médio.

Na segunda parte, confirma-se a proposição kantiana tomando por base as experiências de observação das aulas de filosofia no Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC e também em uma experiência docente durante o processo do respectivo estágio.

Na terceira parte, apontam-se táticas filosóficas que podem auxiliar a concretização da estratégia filosófica no ensino médio: manter ativo o pensamento através da atividade do filosofar.

Por fim, em considerações finais uma síntese é feita e um breve comentário sobre a importância e a necessidade da estratégia do filosofar no ensino médio brasileiro em uma época onde pensar cada vez mais aparenta estar ‘fora de moda’.

2 O FILOSOFAR

Em passagens finais da *Crítica da razão pura* de Kant, o filósofo de Königsberg discorre sobre a filosofia e o filosofar dizendo que: “Entre todas as ciências racionais (*a priori*) só é possível, por conseguinte, aprender a matemática, mas nunca a filosofia (a não ser historicamente): quanto ao que respeita à razão, apenas se pode, no máximo, aprender a filosofar.” (2001, p.672).

Destaca-se que Kant associa a filosofia ou o pensamento filosófico a um conjunto arquitetônico conceitual, nos quais os conceitos são concebidos e estabelecidos por quem ousa autonomamente pensar. Tal noção parte da formação de uma história da filosofia como história dos pensamentos filosóficos ou de seus conceitos.

No entanto, o âmbito da filosofia dificilmente se transmite através do ensino, como se fosse algo pelo qual adquirimos posse e domínio simplesmente ao memorizá-lo, como nas

diversas ciências, inclusive tendo a matemática como modelo. Na filosofia é o pensamento que nunca finda sobre as ideias que a faz ser um saber incompleto ou inacabado e, conseqüentemente, inapreensível em sua totalidade. Do contrário, a filosofia não se diferenciaria dos demais saberes e seria mais uma dogmática.

Por esse motivo, podemos pensar sobre os pensamentos filosóficos e seus conceitos, mas não ter como certo e acabado alguma ideia filosófica. Isso indica que há na compreensão filosófica de Kant um aspecto mais originário e fundamental da filosofia como uma atividade do filosofar, muito diferente de uma concepção demonstrativa e puramente expositiva no seu ensino. Segundo o professor e grande intérprete de Kant, Leonel Ribeiro dos Santos,

Kant tem da prática filosófica uma concepção essencialmente investigativa e inventiva. Todo aquele que pensa deve chegar à verdade por si mesmo, servindo as opiniões alheias apenas de matéria para o exercício do próprio talento filosófico. A verdade filosófica não está feita nem dada em parte alguma. Cada qual a extrai da sua própria razão e a legitima perante a própria razão. E é neste sentido que se deve entender a afirmação kantiana, tão frequentemente repetida, segundo a qual não se aprende Filosofia, mas aprende-se a filosofar, não se ensinam pensamentos, mas ensina-se a pensar. (SANTOS, 2013, p.132)

O apontamento do filósofo português evidencia a importância de Kant com a atividade inesgotável do pensamento que não se limita à mera imitação e repetição de outros pensamentos, como muitas vezes constatamos nas aulas de filosofia, mas extrapola esses limites e expande tal atividade através do filosofar por si. É neste sentido que a filosofia adquire seu caráter mais elementar: a maiêutica socrática, em que a tarefa fundamental da filosofia enquanto atividade do filosofar é a de ser parteira de pensamentos. No caso do ensino da filosofia aos jovens, a estratégia básica implica em extrair conhecimentos dos alunos: que se “dê a luz o que tem dentro acerca do saber” (PLATÃO, 2010, p.265) e não somente introduzi-los.

Transferir conceitos abstratos dos pensadores da filosofia, se é que isto é possível, é uma tarefa complexa e maçante para os jovens no ensino médio, que estão sendo inseridos no universo da filosofia e muitos deles tendo o seu primeiro contato com tal saber. Portanto, trabalhar de forma leve os conceitos priorizando o filosofar através da maiêutica socrática é um caminho possível para a filosofia no ensino médio brasileiro.

3 A EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO E O FILOSOFAR MAIÊUTICO

Essa seção apresenta algumas sínteses das observações realizadas nas aulas de filosofia na turma do 3º ano do ensino médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e que confirmam os apontamentos kantianos expostos anteriormente sobre o filosofar na educação dos jovens. As cinco aulas observadas e uma experiência docente pertinentes à disciplina de Estágio I do curso de Licenciatura em Filosofia da UFSC clarearam a importância da maiêutica socrática na prática de ensino da filosofia no ensino médio.³

Primeiramente, durante as observações de aula, percebeu-se que o professor, prioritariamente buscava mais o diálogo em sala de aula com os alunos sobre temas do cotidiano (correlacionados com temas filosóficos) do que propriamente transmitir os conceitos duros da filosofia. Constatou-se que o professor partia da arte, com filmes, para convidar os alunos para o tema filosófico, mas também se utilizava de conceitos científicos como da psicanálise, por exemplo, para sensibilizá-los. Durante essa primeira parte de sensibilização, o professor preparava o terreno para situá-los nos problemas e assim investigar o tema com a turma através do diálogo direcionado para os problemas filosóficos.

Foi assim quando o professor, com o intuito de abordar o tema do conhecimento e verdade, utilizou o filme “Melancholia” de Lars von Trier (2011) para despertar o pensamento dos alunos sobre os diversos problemas que o filme instiga e as inúmeras questões cotidianas que se conectam, mas orientando-os para o problema filosófico do conhecimento, da crença e da verdade⁴. Durante as aulas, a abertura para o diálogo sobre os problemas suscitados era cada vez mais refinado havendo inúmeras tentativas de conceituação e apropriação do saber pelos próprios alunos. Ao exercitarem as constantes mudanças de pontos de vista sobre o tema, incentivados maieuticamente pelo professor, muitas vezes os alunos passavam a dialogar entre si, momento no qual o professor silenciava e ouvia, para logo em seguida retomar a problematização e não desviar o foco.

Tais modos de proceder do professor demonstraram-se essenciais para o exercício da filosofia no ensino médio, percebendo-se uma grande proximidade com a proposta de ensino baseado no SPIC⁵. Conclui-se que se as etapas do SPIC apontadas didaticamente por Silvio

³ Os nomes foram suprimidos para preservar a privacidade dos alunos e do professor, pois o foco do artigo é destacar a importância do filosofar e como é possível que ele ocorra no ensino médio. O estágio foi realizado no primeiro semestre de 2014 e refere-se à 7ª fase do curso de licenciatura em Filosofia da UFSC.

⁴ Novos problemas de caráter filosófico foram surgindo e o professor aproveitou as aulas para desenvolver melhor outros conceitos com os alunos. Como o conceito de cinismo que abriu margens para falar da escola cínica; o conceito de parésia, etc.

⁵ SPIC: é a abreviação das palavras ‘sensibilização’, ‘problematização’, ‘investigação’ e ‘conceituação’; etapas que caracterizam didaticamente o trabalho numa oficina de conceitos proposta pelo professor Silvio Gallo (2012) como um experimento de ensino filosófico para o ensino médio. Vale a pena conferir sua obra em que trata desta ideia.

Gallo (2007, p.26) ao sinalizar sobre a “oficina de conceitos” forem bem trabalhadas, potencializa-se o ensino da filosofia na educação básica.

É importante notar que as aulas não seguiam uma linearidade e muitas vezes fugiam do tema proposto⁶, ainda mais que o professor jogava com improvisações sobre as falas dos próprios alunos, mas sua estratégia sempre estava presente: guiá-los na tarefa de manter ativo o filosofar através do diálogo e das inversões dos pontos de vista, até certa medida em que eles próprios discutiam entre si, autonomamente.

Durante o período de observações houve a possibilidade de assumir uma aula, o que com muito entusiasmo fiz, ainda mais por estar acostumado ao tema. As impressões foram boas e os cuidados que aprendi, refletindo após a aula⁷, remete, sobretudo, aos cuidados para se preparar uma boa aula.

Ou seja, selecionar um tema filosófico, torná-lo mais apreciável aproximando-o da realidade dos alunos através de uma sensibilização para, por fim, convidá-los a um diálogo sobre o tema; problematizando-o e investigando filosoficamente o problema através da história da filosofia e, na abertura conquistada pelo diálogo e as constantes inversões de pontos de vista, criar conceitos juntamente com os alunos. São esses alguns dos cuidados possíveis que devemos ficar atentos para o preparo de uma aula.

No entanto, o maior aprendizado que tive durante a aula foi a tentativa de possibilitar a maior abertura para ouvir o que os alunos pensam sobre tal tema e questioná-los com provocações. Dica esta aprendida com o próprio professor de filosofia do Colégio de Aplicação e apreendida durante as observações de aula, que confirmam a relevância do filosofar no ensino médio em detrimento de uma aula puramente expositiva.

Uma observação importante que não pode ser deixada de lado foi o constante aturdimento dos alunos em manterem-se conectados aos celulares ou dispersos em conversas paralelas. Talvez isso ocorra com muita frequência e normalidade, pois uma aula que prioriza a abertura para o diálogo e adota uma postura mais liberal com os alunos faz com que fiquem mais à vontade para discutir o tema. Contudo, muitos alunos confundem esse espaço mais

⁶ Como se simplesmente aplicar o SPIC etapa por etapa fosse o segredo para uma aula de filosofia bem sucedida. O SPIC, assim como as táticas aqui expostas, são indicações ou possíveis orientações para que uma aula de filosofia no ensino médio se abra ao acontecimento do filosofar. Uma aula é repleta de cortes, imprevistos e improvisos, e ter como ferramenta algumas orientações é muito melhor do que não ter alguma.

⁷ Merece destaque os diálogos com a professora orientadora do Estágio I da UFSC e meu colega e estagiário que além de possibilitarem o *feedback* da aula permitiram outros pontos de vista que sozinho dificilmente chegaríamos. Além disso, após todas as aulas observadas, discutíamos entre nós, orientados pela professora, as impressões e retrospectos do que observamos e que rendeu ao final da disciplina Estágio I da licenciatura em filosofia na UFSC as reflexões deste ensaio. Nota-se que o filosofar não está presente somente como objetivo das aulas no ensino médio, mas também pode ocorrer durante o Estágio I na licenciatura (e por que não por toda a vida acadêmica e extra-acadêmica?).

livre, possibilitado pelo jogo de confiança entre professor e aluno e que permite que o diálogo sincero aconteça, com liberalidade achando que podem fazer tudo.

Talvez nos equivoquemos ao interpretar Deleuze (2014, p.84), que deixava seus alunos bem à vontade nas suas aulas de filosofia. O que em certo sentido é imprescindível para se estabelecer uma confiança na relação entre a turma e o professor possibilitando que o diálogo aconteça. No entanto, pensando a realidade atual do mundo e a brasileira, muito diferente da época quando Deleuze lecionava na França, talvez seja preciso refletir sobre um mínimo de rigor disciplinar aos jovens para que não se acomodem na preguiça, corporal e de pensamento, (NIETZSCHE, 2009) e se deixem afundar na captura sedutora dos dispositivos tecnológicos, mesmo em sala de aula.

Isso pode ser uma afirmação exagerada, tendo em vista que já estamos em uma era das redes de comunicação e todos nós estamos inseridos nela, mas faz parte do ensino o aprendizado sobre o uso de tais ferramentas tecnológicas, ao menos em sala de aula, enquanto ferramentas. Um dos desafios para os professores da nossa época não é somente competir com tais aparatos, mas guiar os alunos na sua utilização com um mínimo de refinamento, para não serem capturados e utilizados pelos inúmeros dispositivos do modismo tecnológico da atualidade (AGAMBEN, 2010).

Combinar o uso das tecnologias com os temas das aulas pode contribuir para uma potencialização do diálogo com a turma e ser de muito boa ajuda para retirar do sono ou do aturdimento alguns alunos que vagam virtualmente nas redes e perdem o acontecimento real do filosofar em sala de aula.

4 TÁTICAS PARA A ESTRATÉGIA DO FILOSOFAR NO ENSINO MÉDIO

É importante que o professor-filósofo quando atua no ensino médio tenha uma estratégia de ensino claramente desenvolvida bem como suas diversas táticas de aula exercitadas para realizar sua tarefa filosófica educativa com os alunos. A estratégia aqui é pensada no sentido de utilizar todos os meios possíveis a fim de possibilitar que o filosofar com os alunos do ensino médio aconteça, ou seja, manter ativo o pensamento filosófico através do uso de determinadas táticas de ensino.

Como existem diversas táticas para se ensinar a filosofia no ensino médio, adota-se aqui uma grande e eficiente tática e que pode balizar todas as demais: o SPIC, desenvolvido pelo professor e filósofo Silvio Gallo (2012).

De modo geral, esta grande tática consiste em uma etapa do ensino em que os alunos são sensibilizados a fim de serem inseridos e preparados para o tema da aula; conseqüentemente, o tema é problematizado abrindo espaço para um exame de tais problemas na história da filosofia; e, por fim, os conceitos que emergem das atividades anteriores em diálogo com os alunos através dos pensamentos filosóficos, intermediado pelo professor-filósofo, são reproblematicados com o intuito dos alunos, e também do professor, apropriarem-se dos conceitos abrindo a possibilidade de construírem por si mesmos seus próprios conceitos ou ao menos algumas noções conceituais.

De toda essa tática orientadora do ensino filosófico no ensino médio, destaca-se maior importância para a atividade do filosofar, pensado como um jogo dialógico de perguntas e reperguntas entre professor aluno, aluno professor, e entre os próprios alunos; vertendo e invertendo constantemente pontos de vista entre os envolvidos no diálogo.

No entanto, durante a experiência do Estágio I, foram constadas muitas dificuldades para que o filosofar acontecesse nas salas de aula do colégio de aplicação. Como, por exemplo, a enorme facilidade com que os alunos dispersavam-se dos temas das aulas, em conversas paralelas, dormindo, fazendo outras atividades, mexendo no celular ou tablets, etc.
8

Nesse aspecto, são bem vindas as lições de Silvio Gallo sobre o SPIC com o intuito de sensibilizar os alunos para preparar o terreno para o filosofar e também à filosofia. Dispor de exemplos, mídias, assuntos que estão em nosso cotidiano e dos alunos, chamá-los pelo nome⁹, ou se estiverem compenetrados no celular pedir para acessarem a internet e compartilhar uma informação que contribua para o tema da aula, etc., são táticas importantes para retirá-los do aturdimento e despertá-los para o caminho do filosofar.

⁸ Talvez um dos maiores problemas do ensino nas escolas não seja nem a conversa paralela, a falta de concentração ou até mesmo a preguiça, mas o completo aturdimento dos alunos com os dispositivos tecnológicos, como os celulares, tablets, etc., que os capturam suas redes virtuais reduzindo sua presença participativa em sala de aula a algo semelhante a vegetais. Esse alerta é importante, pois o que ocorre em sala de aula é somente um reflexo do dia a dia das pessoas que ultrapassa a escola e se alastra por toda vida. Talvez seja possível guiar os alunos e ensiná-los também a utilizar tais dispositivos para que não sejam escravos dessas modinhas tecnológicas que, aliás, é bem característico de nossa época. Ou de fato proibir o uso e somente permitir quando o professor for trabalhar com tais equipamentos.

⁹ O espelho de turma com as fotos e nomes de cada aluno é extremamente importante como ferramenta para conhecer o rosto de cada aluno e estabelecer uma proximidade empática em um primeiro contato do estagiário e a turma ou do professor e aluno, pois permite reconhecer e chamar cada aluno por seu próprio nome, o que desperta maior interesse e atenção na aula para ambos os lados. Permite também identificar quem são os alunos mais participativos, os menos participativos, os que levam a sério as aulas e os que não se interessam, etc., permitindo montar táticas para lidar diretamente com cada um durante as aulas.

Por isso, para potencializar a grande tática do SPIC podemos combinar mais táticas para derivá-las em conjunto e aumentar as possibilidades de que a estratégia do filosofar se abra e até mesmo se realize em sala de aula.

Além dessa sensibilização e sensibilidade em sala de aula, é importante também uma tática-princípio, inspirada em Schopenhauer, que destaca a importância do dizer “simples, claro e ingênuo” (2005, p.33). Consiste em elaborar uma proposta temática claramente definida e desenvolvê-la de forma simples, sem muitos floreios ou eruditismos, para que qualquer um entenda minimamente do que trata o assunto; e por fim, ter em conta a leveza da ingenuidade no sentido de realizar um raciocínio que se desenvolva naturalmente no decorrer da aula, sem artificialidades, ou seja, sem denotar algo que pareça forçado, pouco à vontade, mas tomar as aulas com uma desenvoltura espontânea em que professor e alunos sintam-se bem naquele espaço preparado para o filosofar.

A grande tática do SPIC, atravessada pela tática-princípio da clareza, simplicidade e ingenuidade, consistindo no desenvolvimento de um tema claro e bem definido; uma exposição simples e sem tantos floreios; uma disposição ingênua de abertura para o acontecimento de uma aula filosófica. Tais elementos reunidos são orientações-chaves para se montar uma economia de recursos, conceitos e tempo de aula no ensino médio, que merecem ser exercitados para que toda aula tenha grandes chances de se abrir para o acontecimento filosófico.

Para isso, mais táticas-exercício são importantes para que o professor esteja bem preparado para ir para a sala de aula. Destacam-se três táticas-exercício que podem auxiliar na realização das aulas: as táticas pré-aula, durante-aula e a pós-aula.

Primeiramente, a tática pré-aula consiste em um exercício inicial que antecede a aula, ou seja, serve para o melhor preparo e ensaio da aula. Após o professor ter elaborado e estudado o plano de aula¹⁰, passando-o e repassando-o quantas vezes for preciso mentalmente e em esboço no papel, surge o momento de ensaiá-lo, como em um teatro performático para alunos invisíveis.

Ou seja, o professor poderá ensaiar ao menos três vezes sua pré-aula simulando uma aula com alunos invisíveis, pois tal ensaio permite construir uma noção do tempo/espço de

¹⁰ A etapa de escolha do tema e problema de aula consiste em um conhecimento inicial da turma (que pode ser aferido por um questionário dirigido a cada aluno para perscrutar seus gostos, como muito bem sugerido por uma das estagiárias) que denota predisposição para certos temas e que o professor se aproveita para inspirar os motes de aulas. Após ter delimitado e estudado o tema, o professor elabora o seu plano de aula e monta como será a aula orientando-se pela grande tática do SPIC e a tática-princípio da clareza, simplicidade e ingenuidade. Após reunir todo o material para a aula, exercitá-lo mentalmente e escrever um esboço ou esquema de aula no papel, até chegar a uma aula aproximada daquilo que pretende realizar, está delimitado o plano de aula e o professor está pronto para seguir a etapa da tática pré-aula, ou ensaio concreto de aula com alunos invisíveis.

aula, ter melhor noção da tonalidade e intensidade da voz, do corpo, dos gestos e dos passos; além de inspirar (DELEUZE, 2014) e permitir exercitar a imaginação do que poderia ocorrer durante a aula, o que um aluno poderia perguntar sobre tal e tal coisa, etc. Exercitar essa previsibilidade de aula é preparar-se para a arte do improviso, que está presente e é inevitável em todas as aulas, aproveitando esses momentos fundamentais da melhor forma possível abrindo espaço para a criação do novo junto com os alunos.

Combinar o aqui agora real, ou o que aparece do mundo, com o aqui agora invisível do pensamento (imaginação), amplia as possibilidades do acontecimento de uma aula. É imprescindível, como parte da estratégia de aula, treinar a tática do ‘passar a aula imaginando-a no pensamento’ testando mentalmente todas as suas possibilidades e ‘passar a aula para alunos invisíveis’ simulando em uma sala real como seria de fato a mesma aula pensada anteriormente para alunos invisíveis, e também se possível para alguns colegas, o que futuramente será a aula para os alunos reais do ensino médio.

Aqui a noção de tempo e espaço ganham extrema importância. O aqui agora do espaço tempo visível do mundo é aquele ao qual estamos acostumados: é o tempo cronológico, com delimitações físicas e necessárias. Já o aqui agora do pensamento é sempre presente, ou seja, não há contagem de tempo e medida de espaço necessária, pois sendo um âmbito do pensamento livre para a imaginação, pode ou não contar o tempo e delimitar o espaço, assim o pensamento interiorizado suspende o mundo e o que vigora nele é a imaginação de uma aula em um aqui agora, ou espaço e tempos invisíveis (ARENDDT, 2010). Quando ambos estão bem exercitados, tudo é possível na imaginação reflexiva.

Uma segunda tática importante e que deriva do exercício anterior é a tática durante-a-aula, que consiste em sempre estar no aqui agora da aula, praticando com alunos reais tudo o que fora ensaiado. Isso implica na disposição do professor em estar aberto para o acontecimento-aula, bem preparado através da tática da pré-aula, e pronto para qualquer improviso.

Tal tática consiste em ficar atento a tudo e a todos que estão ali presentes de um modo que nenhum sinal passe despercebido e também não se esquecer da estratégia e táticas desenvolvidas, para que não se percam os objetivos pretendidos na aula. No entanto, é importante tomar extremo cuidado para que durante a aula o aqui agora (espacial e temporal) da relação direta com os alunos, com a sala, com o que esta sendo dito, etc., não seja suspenso pelo intenso pensar ou preocupar-se com a estratégia ou o plano a ser seguido e as táticas a serem usadas. Pois tal deslocamento pode acabar suspendendo o aqui agora da sala de aula deslocando-o para o aqui agora do pensamento (o lugar invisível do pensamento)

comprometendo o jogo com a realidade externa, anulando a ingenuidade do professor e tornando a aula extremamente artificial e mecânica, bem diferente de uma aula com desenvoltura natural e espontânea.¹¹

Alguns cuidados durante o acontecimento de aula são importantes. Por exemplo: se durante a montagem da lousa¹² o professor perceber que uma parte da turma esta dispersa, seria interessante aproveitar o momento para construir conjuntamente com os alunos os itens dispostos no quadro ao mesmo tempo em que os explica; outra opção para trazer os alunos para a aula é perguntar mais para os alunos o que eles acham de tal e tal coisa para prepará-los para o diálogo e iniciar a discussão sobre o tema de aula; se muitos estiverem conectados na internet, mexendo em celulares ou tablets, pedir para que pesquisem na internet algo simples, mas pertinente ao tema da aula (como a data de vida e morte de tal filósofo, nome completo do autor de tal obra, de filme, pintura, significado de palavras no dicionário, período histórico, etc.)¹³.

Por fim, o intuito durante-as-aulas é que o professor esteja integralmente presente a fim de usar todas as táticas possíveis como tentativa de se conquistar um espaço livre para que o pensamento filosófico, ou a atividade do filosofar, aconteça em sala de aula entre professor e alunos, alunos e professor, e entre os próprios alunos, com a finalidade de que estes também se presentifiquem no aqui agora da aula e do pensamento. Tudo isso planejado para que uma aula de 45 minutos no ensino médio tenha um bom rendimento, mas que esses poucos minutos possam ser estendidos para as aulas do ano como um todo e conseqüentemente para a vida dos que ali estão presentes e por ali passaram.¹⁴

Por fim, a tática-pós-aula, que consiste em um reexame mental e escrito da aula efetivamente dada, com o intuito de marcar pontos positivos e negativos da aula transcorrida para aprimorar ou desenvolver novas táticas de ensino e descartar ou consertar as falíveis. E

¹¹ Por isso é importante o professor ter sua estratégia de aula bem definida e suas táticas bem exercitadas a fim de organicamente se desenvolverem quando necessárias. Do mesmo modo que no teatro as cenas são ensaiadas e exercitadas para que sejam naturais no decorrer da peça, durante as aulas é necessário o professor também sentir-se à vontade no manuseio de suas próprias ferramentas e deixar à vontade seu público inspirando segurança, confiança e entusiasmo aos alunos.

¹² Caso o professor utilize na aula recursos de mídia (power point, vídeo, projeção de imagem ou texto) convém prepará-los e testá-los com antecedência, a fim de que no momento da aula não seja desperdiçado tempo com tais preparativos e tenha-os disponíveis prontamente. De outro lado, pensar outras alternativas como: enquanto pede uma atividade para os alunos (lerem ou escreverem um texto, etc) o professor vai ativando o equipamento de mídia, ou ter outros recursos em mãos para substituir as multimídias quando falharem.

¹³ Isso talvez seja uma boa tática para guiar os alunos na utilização das tecnologias e orientá-los para uma boa pesquisa na internet indicando alguns sites interessantes para frequentarem, mas também orientando como identificar boas fontes de conhecimento e informação na internet. Há também vídeos e jogos na internet que podem direcioná-los para os assuntos filosóficos, como o jogo 'filosofighter', o vídeo do 'futebol dos filósofos', etc.

¹⁴ Como sugestão de uma atividade mais longa a criação de um diário de pensamentos pode ser muito útil para manter o filosofar ativo por mais tempo e bem exercitado como destacado no artigo *A escrita de si como exercício filosófico para o ensino médio: elaborando um diário de pensamentos* (PIEDADE; SOUZA, 2014).

também para dar um panorama geral da aula a fim de preparar as próximas aulas, mantendo a estratégia do filosofar sempre ativo.

Em suma, falou-se da estratégia da aula de filosofia que é possibilitar e manter ativo o filosofar. Para isso destacou-se a importância das táticas de aula: como a grande tática do SPIC; a tática do dizer claro, simples e ingênuo; a tática pré-aula (tema, esboço mental, escrito, aula com alunos invisíveis, ensaios e re-ensaios); a tática durante-a-aula (manter-se no aqui agora, sensibilidade espacial e temporal, aproveitar toda e cada questão do aluno, instigá-los e entusiasamá-los, tirá-los do aturdimento); a tática pós-aula, que consiste em um reexame mental e se possível escrito das aulas, para poder cada vez mais manter aberto o caminho do pensamento e o filosofar como estratégia de educação filosófica no ensino médio.

É importante lembrar que mesmo com todo esse treinamento, exercício e ensaios, não é possível garantir o acontecimento de aula e que a atividade do filosofar se ative, mas sem tais táticas a possibilidade que uma aula de filosofia no ensino médio se abra para o filosofar podem diminuir, pois o professor vai para aula com menos preparo. Nota-se que toda a aula, assim como uma peça teatral, nunca está definitivamente pronta, acabada, mas ela pode estar mais ou menos, melhor ou pior preparada, ainda mais quando precisa lidar com os improvisos.

A grande tática do SPIC, a tática-princípio e as táticas pré, durante e pós-aulas são fundamentais para que o preparo de aula se torne orgânico no professor e a estratégia do ensino da filosofia entre os jovens da educação básica mantenha aberto o caminho do filosofar para que este aconteça com naturalidade e desenvoltura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a abertura que se pode proporcionar quando a filosofia no ensino médio é enfrentada como a atividade do filosofar, remontando a sua forma mais originária, a maiêutica socrática. Tais lembranças partem da filosofia kantiana que busca manter ativo o pensamento investigativo filosófico e sinaliza suas possibilidades no âmbito da educação, confirmadas com a experiência durante as aulas do Estágio I.

Tomar como estratégia do ensino de filosofia no ensino médio a possibilidade de manter aberto ou ativo o pensamento através do filosofar e utilizando-se para isso as táticas indicadas neste ensaio, constituem-se elementos mínimos que todo o professor e o aspirante a filósofo não podem desconsiderar. Exercitar tais táticas constantemente e inventar e

reinventar outras faz parte não só da tarefa de ensino do professor de filosofia, mas também da abertura ao filosofar.

Se tal tarefa é bem realizada pelo professor e pelos alunos no ensino médio, possibilitando que o pensamento reflexivo se abra para o acontecimento do filosofar em sala de aula, cumpre-se quase por osmose também as exigências mais elementares da LDB para o ensino da filosofia na educação básica: a postura crítica e o preparo para a cidadania dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2010.
- ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DELEUZE, Gilles. P de Professor. In.: **O abecedário de Gilles Deleuze**. São Paulo: STOA, 2014, p.84. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso: 01/06/2014.
- GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In.: SILVEIRA, J.T. Renê; GOTO, Roberto (org.). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2007, p.15-35. (Coleção Filosofar é preciso).
- _____. **Metodologia do ensino de filosofia. Um didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. III Consideração intempestiva. Schopenhauer como educador. In.: **Escritos sobre Educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2009, p.161-259.
- PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Kant e o Ensino da Filosofia. In.: **Ensinar Filosofia? O que dizem os filósofos**, coord. por Maria José Vaz Pinto e Maria Luísa Ribeiro Ferreira, editado pelo CFUL, Lisboa, 2013, p.122-135.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o ofício do escritor**. Organização de Francisco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PIEIDADE, Valquiria Vasconcelos da; SOUZA, Helder Félix Pereira A escrita de si como exercício filosófico para o ensino médio: elaborando um diário de pensamentos. In.: **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, nº156, ano XIII, Maio/2014, pp.140-146. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/22588/12979>> Acesso: 10/07/2014.
- TRIER, Lars von. **Melancholia**. Dinamarca: 2011.